

O SÍTIO FORTIFICADO TIPO “MOTA” DE EIRÓ, RIO DOURO (CABECEIRAS DE BASTO)

Luis Fernando de Oliveira FONTES *

Antecipando a publicação futura de estudos arqueológicos em curso sobre a vertente alta da serra da Cabreira, entendemos noticiar aqui a identificação do monumento que designamos por “mota” de Eiró, associando-nos assim, ainda que de forma modesta, à homenagem ao Professor Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida, investigador pioneiro na abordagem arqueológica da castelologia medieval do Noroeste português.

I – Localização

A “mota” de Eiró situa-se sensivelmente a meio da encosta SE do monte designado por Outeiro das Moças, nos terrenos localmente designados por Ceara, lugar de Eiró, freguesia de Rio Douro, concelho de Cabeceiras de Basto ¹. O topónimo Mota, cartograficamente localizado na área da encosta sobranceira ao sítio arqueológico, também é usado pela população para identificar, ainda que de forma genérica, o local.

De acordo com a folha n.º 72 da Carta Militar de Portugal, esc. 1:25000, dos Serviços Cartográficos do Exército, o monumento está a cerca de 550 metros de altitude e tem as seguintes coordenadas geográficas – latitude 41º 32’ 53’’ Norte e longitude 1º 09’ 15’’ Este.

Zona de vertente, bem drenada, apresenta uma cobertura vegetal dominada por matos e arbustos rasteiros (tojo, giestas, fetos e herbáceas). O substrato rochoso, granítico, é recoberto por um solo pouco espesso, que frequentemente deixa a descoberto a arena de alteração (saibro).

O acesso ao local faz-se a pé, por caminho carreteiro de terra com troços lajeados, que sai da estrada nacional EN 311 para Noroeste, em frente à capela de Santo Estêvão. Subindo a encosta cerca de 300 metros, deve virar-se à esquerda, em direcção a um bosque de eucaliptos, que abriga parcialmente o monumento.

2 – Descrição e Interpretação

O monumento que designamos por “mota” de Eiró é um montículo ou câmara artificial de terra, rodeado por um fosso, destacando-se de forma acentuada da superfície ligeiramente declivosa da encosta. De forma circular, apresenta uma depressão interior descentrada e uma sobre-elevação no lado NO do montículo, onde atinge a altura de 6 metros em relação à base da elevação. O diâmetro é de cerca de 45 metros, com fosso, e de cerca de 35 metros, sem fosso.

O fosso, marcado pela concavidade que circunda toda a elevação, nunca ultrapassa os 0,80 metros de profundidade, devendo estar aterrado. Exteriormente é acompanhado,

em todo o seu perímetro circular, por uma pequena elevação de terra, que incorpora alguns alinhamentos incipientes de pedras de médias dimensões, não afeiçãoadas, que poderão corresponder ao derrube de um murete que delimitaria exteriormente o montículo.

No interior da elevação central, incorporados na massa térrea, observam-se elementos pétreos de dimensões variáveis, que tanto poderão corresponder a derrubes de edificações ou serem apenas elementos de consolidação da massa térrea. No lado SE observa-se uma abertura para o fosso, sugerindo a existência de uma entrada nesse lado. Esta entrada seria servida por um caminho cujo traçado é ainda perceptível na topografia da encosta, serpenteando para NE até ao caminho actual, em cujo talude é visível o lajeado que pavimentaria partes do caminho primitivo.

À superfície não identificamos qualquer tipo de material arqueológico, como cerâmicas domésticas ou de construção.

Pelas características arquitectónico-construtivas, em que sobressai a planimetria circular com fosso circundante e a elevação através de aterro de pedras e saibro, interpretamos os vestígios acima descritos como uma construção do tipo “mota”, da qual se encontram exemplos com extraordinária semelhança na actual região francesa da Bretanha, onde foram comuns durante os séculos XI e XII ².

Em Portugal, a fortificação conhecida que mais se pode aproximar ao modelo da “mota” será a do Castelo de Penafiel de Bastuço, próximo de Braga ³. Contudo, pode admitir-se a existência de bastantes mais construções defensivas semelhantes, pelo menos na região de entre Douro e Minho, como sugerem a documentação medieval e a toponímia ⁴.

3 – Elementos de Contextualização

Estrategicamente situada a meio da encosta, dominando todo o importante vale da ribeira do Rio Douro, por onde se estabelece a ligação natural entre as terras de Basto e o planalto Barrosão, desde Refojos até às Torrinhelas, identificamos esta “mota” de Eiró com o castelo onde “tinham de ir” todos os anos, como referem as Inquirições Afonsinas de 1258, quase todos os moradores da paróquia de Santo André de Rio Douro.

Nesse documento ⁵ referem-se explicitamente *Cambeses* (Cambezes), *Arneta* (Asnela), *Leiradas* (Leiradas), *Jacim* (Chacim), *Stevaim* (Esteves), *Texugueiras* (Teixugueiras), *Ameloadela* (Meijoadela), *Jugaeli* (Juguelhe), *Vilela* (Vilela), *Rivulo Doiro de superno* (Fondevila - Eiró) e *Rivolus de Doiro de juisano* (Rio Douro), lugares que ainda hoje são núcleos de povoamento da freguesia de Rio Douro.

Tendo presente que só os moradores da vasta freguesia de Santo André de Rio Douro e alguns da freguesia de S. Salvador de Cabeceiras, e mais nenhuns outros de qualquer freguesia, tinham por obrigação “ir ao castelo” todos os anos, isto é, tinham que assegurar a sua manutenção, pode colocar-se a hipótese de a ter estado instalada a sede do poder territorial-administrativo do Julgado de Cabeceiras de Basto.

Na ausência de quaisquer outros dados de natureza arqueológica ou documental escrita, só pode apontar-se os meados do século XIII como referente cronológico da sua ocupação. De acordo com os parâmetros cronológicos estabelecidos para este tipo de construções na Cantabria (Espanha) e além-Pirinéus (Bretanha), pode colocar-se como hipótese que a sua edificação não deverá ser anterior ao século XII e a sua ocupação não deverá ter perdurado para além do século XIV ⁶.

4 – Fundamentos para a sua classificação

O monumento designado por "mota" medieval de Eiró é uma obra de arquitectura militar de notável interesse científico, sobretudo para a arqueologia medieval, não apenas pela raridade da sua tipologia – é a primeira fortificação tipo "mota" até hoje identificada em Portugal, denunciando uma inequívoca penetração de modelos arquitectónicos amplamente utilizados na Europa medieval de além-Pireneus - mas também porque se apresenta em bom estado de conservação, aparentemente sem transformações significativas.

Testemunho de uma forma particular de residência senhorial fortificada, a "mota" medieval de Eiró é, pelas suas características arquitectónicas específicas, pelos contextos sociais e históricos que evoca e pelas relações geo-políticas que revela, um monumento de inegável valor histórico, social e científico. É também, pela sua raridade e estado de conservação, um excepcional exemplar da arquitectura senhorial fortificada dos séculos centrais da Idade Média em Portugal. Por estas razões, propusemos a sua classificação como Monumento Nacional (ou Monumento de Valor Nacional).

Braga, Setembro de 1998.

* Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Este texto desenvolve a memória descritiva que acompanhou a proposta de classificação do sítio como Monumento Nacional, elaborada pelo autor em Março de 1998.

¹ O terreno onde se implanta o monumento é propriedade do Sr. António Pereira Gonçalves Pires, morador no lugar de Rio Douro, Rio Douro, Cabeceiras de Basto.

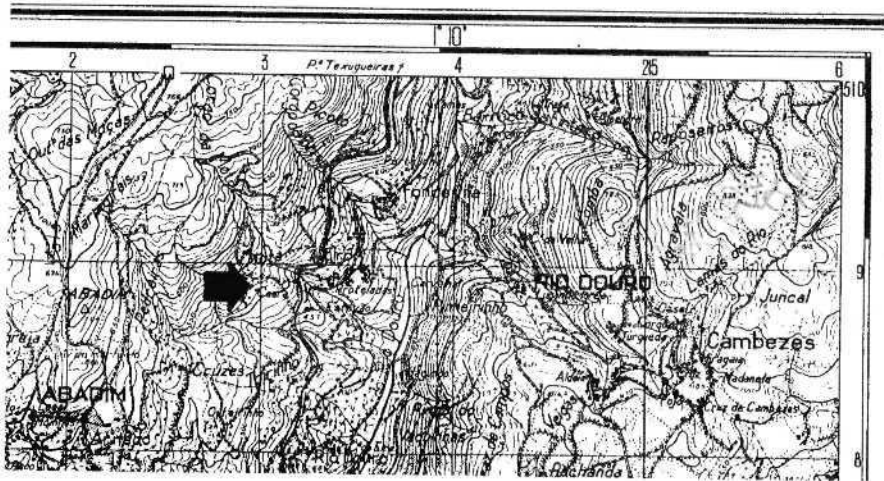
² Cf. Patrick Kernevez – *Les Fortifications Medievales du Finistère. Mottes, enceintes et châteaux*, Institut Culturel de Bretagne / Centre Regional d'Archeologie d'Alet, Rennes, 1997.

³ Luis Fontes e Henrique Regalo - "O "castelo" de Penafiel de Bastuço, Paços S. Julião, Braga. Elementos para o seu estudo", *Arqueologia Medieval*, 5, Mértola, 1997, pp.199-220.

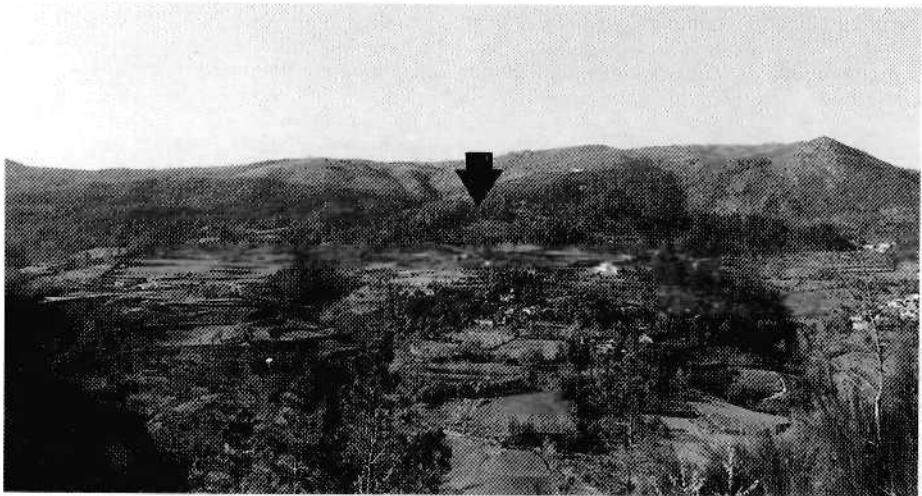
⁴ Isto mesmo sublinhou Mário Barroca no seu trabalho "Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (séc. IX a XII)", *Portugalia*, Nova Série, XI-XII, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1991, pp. 89-134.

⁵ *Portugallae Monumenta Historica. Inquisitiones*, I, (Inquirições de 1258), Academia das Ciências, Lisboa, 1888, pp. 668-669.

⁶ Cf. Ramon Bohigas, Manuel Garcia, Pedro Sarabia, Ana Sobremazas, Isabel Fernandez, Angela Sainz y Consuelo Hospital - "La Fortaleza en Mota de "El Torrejon" (Las Henestrosas, Cantabria)", *Actas del I Congreso de Arqueologia Medieval Española*, Tomo V, Diputacion General de Aragon, Zaragoza, 1986, pp.123-142; Patrick Kernevez – *Les Fortifications Medievales du Finistère. Mottes, enceintes et châteaux*, Institut Culturel de Bretagne / Centre Regional d'Archeologie d'Alet, Rennes, 1997.



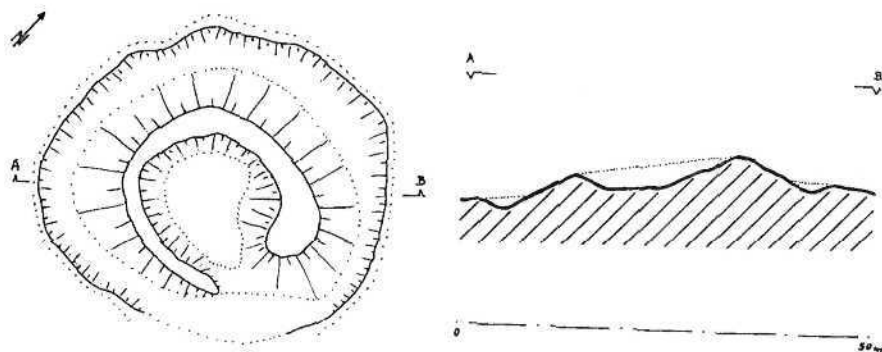
1 – Extracto da folha n.º 72, da Carta Militar de Portugal / SCE, na escala 1:25000, com localização do sítio.



2 – Vista panorâmica da vertente direita do vale do Ribeiro de Rio Douro. Ao centro, coroando a mancha agrícola, localiza-se o monumento.



3 - O monumento visto de Nordeste.



4 - Esboços topográficos da planta e corte do monumento.